

COMO UMA LINHA D'ÁGUA (1984-2004): UM ESTUDO DA MEMÓRIA NA OBRA DE MYRIAM FRAGA

Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva¹

O jornal não é o tecido da perenidade, tal o seu propósito de informar, ele surge diariamente para perder-se no dia seguinte com o surgimento de uma nova notícia. Algumas poucas bibliotecas e arquivos ainda se responsabilizam por guardar diariamente seus fascículos, arquivando-os, em muitos casos, de forma precária. É nesse suporte cuja fragilidade parece resistir contra o tempo e seus agentes que vários fios podem ser estendidos para se pensar a memória em Myriam Fraga.

Acreditando nisso, nos propomos a enveredar pelos caminhos, nem sempre tão certos do arquivo, sejam os públicos, seja o arquivo pessoal da escritora onde estão arquivados os fragmentos de um passado, parte de sua memória.

Em seu arquivo particular, Myriam Fraga guarda vários recortes de jornal, além de revistas, fotos, cartas, postais, entre outros fragmentos. Mobilizar esses tecidos como um ato de recuperação mnemônica de uma vida em seu movimento, tal como Foucault já havia pensado, é entender o arquivo não apenas como sendo um depósito de enunciados e fragmentos mortos acumulados, ele é antes um campo de possibilidades.

Dos vários fragmentos contidos no arquivo pessoal da escritora Myriam Fraga, as crônicas publicadas no *Jornal da Indústria e Comércio*, o *IC* de Salvador, entre os anos de 1984 e 1985, o *Jornal da Bahia* e do jornal *A Tarde* figuram como os que melhor podem ser relacionados à obra poética da autora. Mas, sem dúvida, é na coluna “Linha D’água”, publicada no jornal *A Tarde* onde temos o maior volume de textos publicados, são crônicas, ainda inéditas em livro, poesias, além de pequenos ensaios e matérias específicas em torno da cidade de Salvador e do seu cenário cultural.

A autora possui, quase em sua totalidade, os exemplares da coluna “Linha D’água” que foram recortados de vários fascículos do jornal *A Tarde* e colocadas em fichários classificadores para o manuseio pessoal. Mesmo tendo sido as colunas

¹ Professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

subtraídas de seus suportes (o jornal), Myriam Fraga teve o cuidado de no recorte destas manter a data e a numeração das páginas, o que facilitou a identificação do período em que foram publicadas e, com raras exceções, foi preciso recorrer aos arquivos públicos para investigar e localizar dados como data de publicação e paginação. Outra questão a se observar é que ao entrarmos em contato apenas com os recortes da coluna “Linha D’água”, subtraídos dos seus exemplares do jornal *A Tarde* não ficamos sabendo do contexto informativo no momento de sua publicação, por isso, foi preciso recorrer a Biblioteca Pública do Estado da Bahia para saber dos fatos ocorridos na cidade no dia em que a coluna era publicada.

Na série de crônicas que Myriam Fraga publicou na coluna “Linha D’água”, podemos perceber como algumas das questões que mobilizam a poetisa em seus versos, a exemplo de certos temas como o mar e a cidade. São desde representações ficcionais da cidade de Salvador, até reflexões e críticas acerca das mudanças ocorridas não só no espaço urbano, na sua arquitetura, como também no modo de vida que com o tempo se modifica, bem como reivindicações e protestos acerca dos transtornos gerados pelo aumento ostensivo da população no espaço citadino.

Essa relação da autora baiana com os periódicos vem de longa data. Como boa parte dos escritores brasileiros foi em um periódico que Myriam Fraga publicou pela primeira vez. Era então 1961. Após enviar três poemas para a revista *Leitura*, do Rio de Janeiro, curiosamente em uma seção intitulada “Porta de acesso”, ela obteve resultado positivo. Dois dos três poemas enviados foram aceitos, porém apenas um foi publicado.

Depois, a autora conheceu Florisvaldo Mattos através de sua amiga, Sônia Coutinho, então namorada e futura esposa do jovem redator do “Caderno Cultural” do jornal *Diário de Notícias*. Através de Florisvaldo Mattos, que também era poeta, Myriam Fraga publicou no “Suplemento Dominical”, do *Diário de Notícias*, “Dois Poemas”, em 24 de junho de 1962, e o poema “O Vaqueiro”, em 23 de junho de 1963, passando para o *Jornal da Bahia* através do contato com João Carlos Teixeira Gomes, seu amigo de infância quando ambos veraneavam em Mar Grande. No *Jornal da Bahia*, a autora publicou poemas e pequenos contos. Em 1964 a autora despontou no cenário literário baiano com seu livro de estréia, *Marinhas*.

No início dos anos 60, o cenário cultural da cidade de Salvador girava em torno da Universidade Federal da Bahia, na época Universidade da Bahia, grande irradiadora

cultural, e os jornais se encarregavam de divulgar e levantar toda a vida literário-cultural baiana, como se pode constatar na coluna “Livros e Livrarias” do jornalista Otacílio Fonseca (1966), encontrada no “Suplemento Dominical” do Jornal *Diário de Notícias*.

O jornal circulou no período que se estende de 27 de maio de 1956 a 7 de março de 1971, integrado às organizações de Assis Chateaubriand. Nesse período, conforme observa o jornalista Otacílio Fonseca, os jornais serviam não só como estimulantes da produção artístico-literária, como também divulgavam novos escritores que contavam com os suplementos dominicais de cultura e arte para apresentarem à sociedade baiana e brasileira os seus talentos.

Em “A nostalgia dos suplementos”, publicado em 29 de agosto de 2009, no “Caderno Cultural” do jornal *A Tarde*, Myriam Fraga relata que no início dos anos sessenta, quando iniciou sua carreira lançando-se no mundo das letras, os suplementos literários gozavam de grande prestígio e ocupavam lugar de destaque na preferência dos leitores. Conforme observa a autora:

Geralmente acompanhando as edições dominicais, os suplementos eram aguardados com ansiedade e muitas vezes promoviam ou incentivavam debates, por conta de opiniões divergentes ou conflitantes, que se estendiam por semanas, através da publicação de réplicas ou trélicas, assinadas por conhecidos militantes da cultura (p. 2).

A autora ressalta, ainda, que estes suplementos não se dedicavam apenas à crítica e à criação literária, mas enveredavam pelos caminhos da arte e da filosofia, espraiando-se por vários campos do conhecimento. Além do *Diário de Notícias*, também merece destaque o jornal *A Tarde* que, bem antes do *Jornal da Bahia* e da *Tribuna da Bahia*, e, mais tarde, o *Correio da Bahia*, se laçassem no mercado trazendo propostas inovadoras, já se destacava no cenário cultural baiano.

A relação de Myriam Fraga com os jornais foi além das publicações esporádicas de poemas, crônicas e até alguns contos em periódicos da cidade de Salvador. Em 1984, Jorge Calmon, naquela época redator chefe do jornal *A Tarde*, convidou a autora baiana para assinar uma coluna cultural que atendesse não só a assuntos literários, mas que abrangesse, também, outras linguagens, ligadas à arte e ao conhecimento em geral.

A coluna “Linha D’água” saiu publicada no “Caderno 2” do jornal *A Tarde* no dia primeiro de abril de 1984. Na sua primeira edição, Myriam Fraga, em uma pequena caixa informava ao leitor a que se destinava aquele novo espaço:

Iniciamos a partir de hoje uma coluna de Informação Cultural que promete levar aos leitores de *A Tarde*, de forma breve e resumida, um registro do que acontece em nossa cidade nas várias áreas ligadas à cultura.

Esse compromisso representa para nós uma grande responsabilidade, pois este jornal, o mais lido e importante do Norte Nordeste, nos abre a porta de um público que prometemos honrar com o melhor de nosso esforço e capacidade profissional.

LINHA D’ÁGUA pretende ser isto mesmo: isenção, clareza, limpeza. No mais, é seguir em frente e que as águas de Oxalá purifiquem meus caminhos (p. 12).

No mesmo ano em que a coluna começou a ser publicada no “Caderno 2” do jornal *A Tarde*, Myriam Fraga já introduziu algumas mudanças no modo como a coluna iria apresentar-se nos anos seguintes. Ela criou uma subseção intitulada “Mosaico”, dentro da coluna. Uma espécie de pequeno painel informativo dos principais eventos artísticos e culturais que iriam ou estariam acontecendo na cidade de Salvador naquela semana.

Em uma entrevista concedida em março deste ano, a autora explicou que a idéia da coluna era que fosse escrita em linguagem acessível e de caráter mais informativo. Myriam Fraga teria, ainda, total autonomia nos temas, ficando reservado a ela tais decisões. Não se contava mais com o mesmo espaço dos suplementos literários de décadas atrás, pois, segundo ela, “o tempo ficou caro”. A autora relata que nesse período, os suplementos já não ocupavam as páginas principais dos jornais. Havia, ainda, a necessidade, dado avanço das tecnologias e da concorrência sempre crescente, de se modificar, “de reformular conceitos desde que a comunicação se transformou num grande show midiático onde o que importa é o alcance da notícia e a rapidez da informação” (FRAGA, 2010, s.p.). A coluna “Linha D’água”, de certa forma, era um sintoma desse espaço destinado a literatura, a arte e a cultura, e reduzido pelas contingências capitalistas.

A autora, em sua entrevista, também nos explica o porquê do título da coluna: “Na verdade eu pensei Linha D’água como linha do horizonte. Alguma coisa que revelasse certa extensão, mas sem descer a grandes profundezas” (FRAGA, 2010, s.p.).

Myriam Fraga ressalta, ainda, que por uma coluna ocupar um espaço muito reduzido no jornal era preciso que fosse o mais enxuta possível e, ao mesmo tempo cumprisse seu papel informativo de divulgar a cena cultural da cidade de Salvador. Entretanto, a autora reconhece que, com o passar do tempo, a coluna “foi tomando vida própria e nem sempre se conformou a essa medida” (FRAGA, 2010, s.p.). De modo que a coluna, em um movimento particular e sendo Myriam Fraga muito apoiada por Jorge Calmon, chegou a ter até meia-página do jornal. Depois, com o passar dos anos, já entrando na década de 90, a coluna “Linha D’água” passou a ocupar um espaço mais vertical, como uma longa tira.

A coluna “Linha D’água” era publicada sempre aos domingos, embora tenha passado algum tempo para as quintas-feiras, retornando logo depois para a página dominical, com maior tiragem. Escrita sem interrupção durante vinte (1984-2004), essa experiência marcou muito a vida profissional da autora. Em entrevista recente, Myriam Fraga faz algumas considerações acerca do seu aprendizado no espaço do jornal: “Como escritora ela [referindo-se a coluna] me deu disciplina, senso de medida, responsabilidade com a informação e, sobretudo a busca pela expressão correta, a simplicidade que a boa prosa exige (...) e oportunidades de vivenciar o momento cultural com olhos mais atentos” (FRAGA, 2010, s.p., grifo nosso).

Ariovaldo Mattos, escritor e jornalista, na ocasião da publicação da coluna assinada por Myriam Fraga no jornal *A Tarde* a saudou com entusiasmo na sua estréia e a convidou para escrever no jornal da Indústria e Comércio, o *IC*, dirigido por ele. Foi nesse jornal que Myriam Fraga teve um espaço fértil para publicar uma série de crônicas e alguns contos curtos, muitos dos quais republicados na coluna “Linha D’água”.

Se na coluna “Linha D’água” as informações acerca do que estava acontecendo na cidade de Salvador, em termos de cultura, podem ser pensadas como uma memória da movimentação cultural da cidade nos vinte anos de sua vigência, essa memória também é a da própria Myriam Fraga, enquanto observadora das mudanças ocorridas no espaço da cidade na qual se encontra inserida.

Em “Crônica nostálgica à cidade da Bahia”, publicada em 7 de abril de 2002, a autora se reporta a cidade de Salvador da década de cinquenta, traçando os contornos de uma época lembrada com nostalgia. Ao olhar ao seu redor a autora não consegue mais visualizar a cidade de sua juventude percebendo que tudo mudou inclusive ela:

Hoje, olho para os lados e não me reconheço. Mudou a cidade, mudei eu [...]. Uma cidade sombreada de oitis, mangueiras, tamarindeiros, onde se podia curtir com tranqüilidade os fins de tarde no Farol da Barra, no Alto de Ondina ou na igreja de Monte Serrat, descansando os olhos na curva do casario ou na ilha defronte, aconchegada no mar, como um enorme crocodilo alimentado pelo vento (p. 4).

Na sua crônica nostálgica, a autora apresenta alguns roteiros que marcam sua saudade, como opções de lazer possíveis naquela época, a exemplo da ida a Itapagipe considerada por Myriam Fraga, além de um passeio, uma viagem. A autora segue seu itinerário lembrando-se das várias opções de lazer na então Salvador dos anos cinquenta:

O sorvete na Ribeira, degustado sem pressa, depois da passagem pela Penha, a obrigatória oração na Igreja do Bonfim, com suas fitinhas coloridas e seus “milagres”, ex-votos que testemunhavam, e ainda testemunham, a força da fé que remove montanhas. A volta por Monte Serrat, com a igreja de Monte Serrat e o forte, com seus canhões e sua lendas. Quem não tinha carro podia perfeitamente fazer longos passeios no conforto dos bondes sem aperto e sem exploração, que as passagens eram baratas e, salvo nos horários de volta do trabalho, os lugares sobravam (p. 4).

A cidade de Salvador é apresentada como um quadro de saudade, bem diferente do seu estado atual, dadas as inúmeras mudanças que a reconfiguraram com o passar dos anos, redesenhando sua paisagem e seus modos de vida. A autora ressalta que naquele tempo não existia, como hoje, “a ditadura dos horários” (p.4), marca das grandes cidades cujo veloz processo de crescimento da população e as mudanças nos hábitos configuram a modernidade e sua ânsia por progresso. Em oposição a esse quadro a autora metaforiza: a cidade de sua juventude tinha outro ritmo, ela era uma “cidade preguiçosa” que “escorria das ladeiras pelo trilho dos bondes” (p. 4), desenhando no espaço citadino o roteiro das pessoas no ir e vir por suas ruas. Algo bem

diferente do que a autora reconhece existir no início do século XXI, uma cidade que “explode com seus milhões de habitantes”, e com isso todos os problemas, dentre os quais, o aumento da violência:

[...] ruas bloqueadas como fortalezas. Ninguém mais pára numa praia deserta para ver o por do sol [...]. Por todo o canto a desconfiança, o medo, a insegurança. A cidade inchada como um câncer expõe suas mazelas. A miséria sem pudor avança a passos largos com seu cortejo de sombras que nos fazem meditar sobre o destino que nos aguarda [...] (p. 4).

A cidade de Salvador que ora se desenha na memória de Myriam Fraga como um quadro de saudade nas crônicas da autora, também é cartografada afetivamente na arquitetura dos versos de seus poemas, a exemplo de seu livro *A cidade* (1975), cujo centro poético lhe é anunciado desde o título.

Em *A cidade*, podemos dizer que a memória topográfica da autora configura a cidade de Salvador como protagonista de uma paixão, superpondo presente, passado e futuro para além de um tempo linear, sem margens nem limites, alcançando a esfera do mito. Sua cidade é o arquétipo de todas as cidades.

O primeiro poema de *A cidade*, que leva o mesmo título do livro foi publicado na coluna “Linha D’água”, no dia 28 de março de 1999. Em seus versos, a imagem da cidade é criada pela memória de sua paisagem, de suas ruínas e seus vestígios preservados na sua arquitetura. Esta cidade se desdobra no tecido poético como um imenso animal de contornos míticos e características femininas, contracenando com o mar:

Foi plantada no mar
E entre corais se levanta.
O salitre é seu ar,
Sua coroa, sua trança
De selvagem,
Seu vestido de ametista,
Seu manto de sal
E musgo

Armada em firme silêncio
Dendura-se dos montes
E tão precário equilíbrio
Se propõe

Que além da porta ou portada
De janela ou de horizonte,
O que a sustenta é o mistério
Triste chão, sombra vazia
Tempo escorrendo das pedras,
Lacerado nas esquinas,
Tempo, sudário e guia.

Mas que fera (ou animal)
Esta cidade antiga
Com sua densa pupila
Espreitando entre torres,
Seu hálito de concha
A babujar segredos,
Deitada entre meus pés,
Minha cadela amiga.
(FRAGA, 2008, p.49)

A imagem da cidade “plantada no mar” é configurada como sendo o lugar cujo “destino foi sempre de porto, abrigo, passagem” (FRAGA, 1985, p.52). Esta cidade singular e plural na sua constituição eleva-se em montes dependurados “em precário equilíbrio”, constituindo-se como um ser vivo uma fera que se projeta na imagem de uma cadela coberta com um manto de corais, deitada aos pés do eu - lírico.

Na crônica “Uma rua chamada saudade”, publicada na coluna “Linha D’água” em 21 de julho de 2002, a autora se reporta, mais uma vez, a cidade de Salvador dos anos cinquenta, marco de sua adolescência, agora, detendo-se mnemonicamente na reconstituição afetiva da Rua do Chile, importante via de acesso ao centro histórico da cidade.

Nessa crônica de Myriam Fraga é possível perceber como os fragmentos urbanos estão impregnados de subjetividade que podem ser pensados a partir do conceito de *topofilia* proposto pelo geógrafo chinês Yi Fu Tuan, para quem “uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas (...) chamar a atenção para áreas da experiência que de outro modo passariam despercebidas (TUAN, 1983, p. 180). Nesse sentido, o conceito de *topofilia* incorpora sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética por lugares e paisagens valorizadas, “incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão” (p. 158).

Para a autora, a Rua do Chile era “uma espécie de vitrine” do que havia de melhor na cidade baiana chamada por ela de “Terra Boa”, imagem em torno da qual a

escritora faz uma ressalva ao explicar que as pessoas que moravam na cidade de Salvador, sobretudo as classe mais abastadas, viviam suspirando pelo Rio de Janeiro, então capital federal e “Meca dos mais ambiciosos, que queriam fazer carreira principalmente na política ou nas letras”. Nessa crônica a autora segue descrevendo o roteiro de sua saudade e, caminhando pelos espaços de sua memória ela revisita lugares de sua juventude.

A Rua do Chile é descrita como sendo a via do glamour na Bahia, onde se encontrava de tudo, inclusive as novidades recém chegadas na capital, conforme observa Myriam Fraga. Seguindo o itinerário de sua saudade a autora revisita pela memória vários estabelecimentos existentes nos idos anos cinquenta, a exemplo da confeitaria A Bahiana, “com seu chá delicioso, suas torradas, seus *waffles*” (p. 2); da livraria Civilização Brasileira, “capitaneada pelo saudoso Dermeval da Costa Chaves”, com ótimos atendentes; o Café Bernadete, “com seus pãozinhos macios e sua clientela de artistas e intelectuais” (p. 2); a casa Slopper, com suas vendedoras escolhidas a dedo, cada qual mais bonita e elegante, cuidadosamente maquiladas...” (p. 2), onde era possível se encontrar a moda lançada no sul do Brasil, sobretudo as usadas pelas estrelas de cinema; a Sapataria Rialto, da família Mattos; a Sapataria Clark; a Farmácia Chile; a Loja Nova América, entre outras lojas que compunham a movimentada Rua do Chile.

Para se pensar a memória na obra de Myriam Fraga é preciso que vários fios sejam estendidos, interligando diversos tecidos. Nesse movimento de múltiplas possibilidades, a coluna “Linha D’água” aparece como sendo um dos espaços constitutivos da memória da autora, mas também da memória da própria cidade de Salvador, vista segundo o olhar atento da escritora.

Em paralelo a coluna “Linha D’água”, Myriam Fraga seguiu sua trajetória como escritora lançando livros cujos versos ora parecem escapar por alguns instantes de suas páginas para invadir o espaço do jornal, onde a autora publicou vários poemas, alguns, inclusive, antes de se tornarem livros, de fato, a exemplo da série de poemas de um grupo intitulado “Calendário”, presente em *Femina*, de 1996.

RESUMO

A produção em prosa de Myriam Fraga, os contos e as crônicas publicadas nos semanários dos jornais da região de Salvador e em algumas revistas, formam um conjunto de textos nos quais podem ser observadas as mesmas vertentes temáticas

presentes em sua obra poética. Temas como a cidade, o mar, o mito, presentes em seus livros de poemas, aparecem, igualmente, interligados pelo fio da memória que une as várias faces de seu projeto literário. As crônicas e os contos publicados pela autora ainda não se encontram organizados em livro, tendo sido grande parte destes textos publicada no jornal do IC (Indústria e Comércio) de Salvador, entre os anos de 1984 e 1985. Outra parte encontra-se dispersa em diferentes periódicos, como no *Jornal da Bahia* e nas revistas *Exu*, *Ficções* e *Neon*. Entretanto, é na coluna “Linha D’água”, publicada no jornal *A Tarde*, pela qual Myriam Fraga foi responsável de 1984 a 2004, onde se pode encontrar um maior número de textos publicados. Desse modo, é possível estabelecer relações entre a produção da autora editada em livro e a publicada nos semanários da cidade de Salvador, evidenciando como sua obra se constitui num mosaico no qual os temas da cidade, do mar, e do mito estendem fios de comunicação em diversas direções.

PALAVRAS-CHAVE: Myriam Fraga. Memória. Linha D’água.

ABSTRACT

Myriam Fraga’s prose, short stories and chronicles were published in Salvador area newspapers and weeklies as well as in some magazines. In this set of texts one can find the same thematic strands as those found in her poetic work. Themes found in her poetry books, such as the city, the sea, and myth, appear tied together by a thread of memory that unites the various facets of her literary work. The chronicles and short stories published by the author have not yet been compiled in book form. Most of these texts were published in IC (*Industria e Comércio*), Salvador’s newspaper, between 1984 and 1985. Another portion is found in different newspapers such as *Jornal da Bahia* and in magazines: *Exu*, *Ficções*, and *Neon*. However, the greatest number of her articles were published in *A Tarde* newspaper’s column “*Linha D’água*,” for which Miriam Fraga was responsible from 1984 to 2004. Thus, it is possible to establish a relationship between the author’s work edited in book form and that published in Salvador’s weeklies, demonstrating how her work constitutes a mosaic in which the themes of the city, the sea, and myth extend threads of communication in diverse directions.

KEYWORDS: Miriam Fraga. Memories. Linha D’água.

REFERÊNCIAS

FRAGA, Myriam. *Coluna Linha D’água. A Tarde*. Salvador, p. 12, 1º de abr. 1984. Caderno 2.

FRAGA, Myriam. A criação literária – um depoimento pessoal. *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, n 33, nov. 1985.

FRAGA, Myriam. Depoimento. In: *Anais do VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Salvador: UFBA/ANPOLL, 2000.

FRAGA, Myriam. Uma rua chamada saudade. *A Tarde*. Salvador, p. 04, 21 de jul. 2002.

FRAGA, Myriam. Crônica nostálgica à cidade da Bahia. *A Tarde*. Salvador, p. 2, 7 de abr. 2002.

FRAGA, Myriam. *Poesia reunida*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

FRAGA, Myriam. A nostalgia dos suplementos. Caderno Cultural. *A Tarde*. Salvador, p. 2, 29 de ago. 2009.

FRAGA, Myriam. *Entrevista*. Entrevistador: Ricardo Nonato A. de A. Silva. Salvador, 30 de mar. 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Felipe Baeta Neves. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FONSECA, Otacílio. *Livros e Livraria*. Suplemento Dominical. Diário de Notícias. Salvador, 11 de dez. 1966.

Gerenciamento de Memória O Gerenciador de Memória Problema: Em um ambiente multiprogramado, é necessário subdividir a memória para acomodar múltiplos processos, mas se poucos processos estão na memória, em boa parte do tempo estão esperando por E/S, dessa forma o processador fica ocioso. Função: Deve-se alocar memória de forma eficiente para que caiba o maior número de processos possíveis. Durante a execução o processo poderá sair da memória e retornar para um local diferente. Dessa forma todas as referências devem ser resolvidas para endereços de memória física. Instruções de dados de referência contêm o endereço do byte ou palavra de dados referenciados.